

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



ARTIGO

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, SOCIAL E OS SÍMBOLOS PRESENTES NOS CEMITÉRIOS DE BAGÉ, RS

*Spatial organization and the symbols in cemetery in Bage,
RS*

*Espacial, organización social y símbolos presentes en los
cementérios de Bagé, RS*

Egiselda Brum Charão

Mestre e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Professora de Ensino Médio e Fundamental da Rede Pública do Rio Grande do Sul.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9512-499x>

E-mail: gisacharao@terra.com.br

Como citar este artigo:

CHARÃO, Egiselda Brum. Organização espacial, social e os símbolos presentes nos cemitérios de Bagé, RS. **GEOGRAFIA: ambiente, educação e sociedades – GeoAmbES**, jul./dez. vol. 1, n. 4, p. 132-150, 2023.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 1, número 4 (2023)

ISSN 25959026

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, SOCIAL E OS SÍMBOLOS PRESENTES NOS CEMITÉRIOS DE BAGÉ, RS

Resumo

O presente texto reflete sobre a distribuição geográfica que aponta para a reprodução da organização espacial da cidade de Bagé que demonstra a cultura de uma sociedade, suas aspirações religiosas, políticas e econômicas através da elaboração de seus túmulos. Também pontuará o registro de imagens simbólicas com seus significados e suas dimensões buscando compreender seus significados no imaginário local.

Palavras-chave: Cemitérios de Bagé. Espaços. Símbolos.

Abstract

This article reflects the geographic distribution that point to the reproduction of the spatial organization of the city Bagé that shows the society culture, their religious, political and economics aspirations through their graves. It will also punctuate the recording of symbolic images with their meanings and dimensions, seeking to understand their meanings in the local imagination.

Keywords: Bagé Cemetery. Space. Symbols.

Resumen

Este texto reflexiona sobre la distribución geográfica que apunta a la reproducción de la organización espacial de la ciudad de Bagé que demuestra la cultura de una sociedad, sus aspiraciones religiosas, políticas y económicas a través de la elaboración de sus tumbas. También puntuará el registro de imágenes simbólicas con sus significados y dimensiones, buscando comprender sus significados en la imaginación local.

Palabras clave: Cementerios de Bagé. Espacios. Símbolos.

Introdução

O estudo dos cemitérios de uma cidade permite contar a sua história, examinar seu cotidiano, suas transformações, influências culturais, concepções estéticas, hierarquias sociais e econômicas, lideranças políticas e tantos outros fatores, dentre os quais se destacam valores religiosos e morais, e etnicidade. Os cemitérios, nesse sentido, refletem a organização da social da comunidade. Levando em conta esse princípio, o presente trabalho fará uma abordagem e registro de imagens e significados pertinentes aos cemitérios da cidade de Bagé, esboçando o perfil da limitação espacial relativa aos enterramentos, seguido das construções simbólicas encontradas nos cemitérios estudados.

Bagé nasceu em 1811 e teve suas origens nos primórdios da povoação do Estado. Durante o decênio farroupilha, foi ocupada pelas tropas legalistas onde se travaram diversas batalhas. Foi elevada à categoria de município em 1846. O Cemitério da Santa Casa de Bagé (CSCB) foi construído em 1858, com paredes dobradas de tijolo e portão de ferro, ocupando uma área de 300 palmos quadrados. “O primeiro sepultamento foi o do Sr. Libindo Antônio Martins. Nos mausoléus estão sepultadas famílias e personalidades históricas como o General Antônio de Souza Netto, o Visconde de Cerro Alegre e Manoel Antônio Martins (PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ, 2023).”

Figura 1 – Entrada principal (antiga) do Cemitério da Santa Casa de Bagé (CSCB)



Fonte: CSCB

Na entrada do cemitério, verifica-se que o núcleo central do cemitério da Santa Casa (Figuras 01 e 02) está dividido por uma avenida que desemboca na capela mortuária, vislumbrada na imagem.

Na avenida principal, que inicia no pórtico de entrada, destacam-se túmulos imponentes com valores agregados definidos pelo aprimoramento da construção. As obras pertencem às famílias proeminentes que atuavam na comunidade durante o período inicial do cemitério.

Figura 2 – Entrada principal (nova) do Cemitério da Santa Casa de Bagé (CSCB)



Fonte CSCB

Com a elevação do valor dos imóveis adjacentes nos espaços foram sendo erigidos túmulos a vultos importantes nas proximidades da via principal, tanto à direita, quanto à esquerda.

Nos fundos da capela mortuária, eram enterrados os indivíduos não cristãos, escravos e não cidadãos, como os judeus (Figuras 03 e 04, judeu francês). Com a expansão do núcleo principal, esse túmulo ficou inserido dentro dos limites do cemitério; contudo, salienta-se ainda que a área adjacente era superior com vistas a futuras expansões, o que garantiria a autonomia de gerações para novos enterramentos. Dentro do espaço cemiterial, são notórias as diferenças sociais e culturais devido ao estilo dos túmulos que, com o passar dos anos, transformaram-se em “morada dos mortos” reproduzindo cada vez mais a geografia urbana e a arquitetura dos vivos: “os pobres continuavam a ser enterrados em valas comuns, enquanto os ricos construía seus túmulos”. Como se fossem casas, os túmulos situavam-se em ruas e mesmo bairros: “os ricos eram enterrados nos lugares mais nobres, os pobres permaneciam na periferia e os absolutamente miseráveis, nas valas comuns” (Chiavenato, 1998, p. 51).

Figura 03 – Sepultura Arcaica



Figura 04 – Detalhe



Fonte: CSCB

A mesma conformação está presente no cemitério da Divisa (Figuras 05 e 06), onde, uma observação superficial revela seus muros altos que restringem o espaço físico. Os muros servem como catacumbas (Figura 07) compostas por tijolos maciços formando arcos (que reforçam a estrutura) onde o caixão é acomodado. Esse sistema evita a degradação do muro, pois, apesar do abandono e deterioração das sepulturas, os muros preservam-se por gerações. Muros são—construções simbólicas e, nos

cemitérios estudados, aborda-se novo sentido a referente a esses marcos demarcatórios que agrega ao seu conteúdo de origem. São novas dimensões de leitura que podem ser categorizadas como função imaginária, a prática, a folclórica, a social e a coletiva.

A função **imaginária** separa o mundo terreno do mundo celeste; a **prática** demarca a fronteira geográfica, protege os mortos contra invasão e profanação dos túmulos pelos seres vivos. A **folclórica** limita os dois mundos e está associada ao temor da morte; favorece o surgimento de estórias e lendas. A função **social** resguarda os monumentos à memória¹, ou seja, os túmulos, e a **coletiva** guarda vestígios relacionados à cultura social, política e econômica das famílias, das vilas, cidades, estados e países (Cardoso; Muller; Charão, 2008, p. 579).

No espaço interno do Cemitério da Divisa, não existe uma organização espacial nítida, pois, ao longo dos anos, os túmulos e mausoléus foram se empilhando uns ao lado dos outros, sem vias laterais nem espaços para circulação. Devido ao colapso do núcleo primário, foi construída (nos mesmos moldes) uma área adjacente no lado esquerdo, mais crescente e pobre em relação ao requinte. Havia um local separado, destinado ao enterramento das crianças, que não foi possível identificar, em virtude da gradual extinção das categorias de **adulto – criança** pela agregação dos túmulos infantis aos destinados para adultos.

Figura 05 – Panorama Geral

Figura 06 – Detalhe

Figura 07 – Muro com nichos



Fonte: Imagens locais do Cemitério da Divisa², da autora.

Com relação ao cemitério da Guarda (Figuras 08, 10 a 15), é notória a degradação causada pela ação do tempo e pela falta de cuidado em preservar os

¹ A palavra *monumento* deriva da raiz indo-europeia *men*, que remete a uma das funções do espírito: *mens*, ou seja, a *memória*. O monumento é um traço do passado entendido através da afetividade e pela ritualidade.

² Localizado fora do perímetro urbano.

túmulos. Nesse local, existem mausoléus, túmulos familiares e enterramentos que datam de 1880. Assim sendo, sua manutenção e preservação são necessárias a manter viva a memória histórica de Bagé, especialmente dentro do contexto revolucionário.

Para trabalhar a simbologia nos cemitérios estudados, utilizou-se o conceito de Jean Chevalier, utilizando a abordagem científica explorada pelos vários campos da ciência, afirmando que “os símbolos constituem o cerne da vida imaginativa”. Para o autor, os símbolos sintetizam sensivelmente as influências conscientes e inconscientes, instintivas e espirituais conflitantes ou em vias de se harmonizar no interior de cada homem. O símbolo é, portanto, muito mais do que um simples signo ou sinal: transcende o significado e depende da interpretação que, por sua vez, depende de certa predisposição. Está carregado de afetividade e dinamismo (Chevalier, 2007, p. XIV e XVIII).

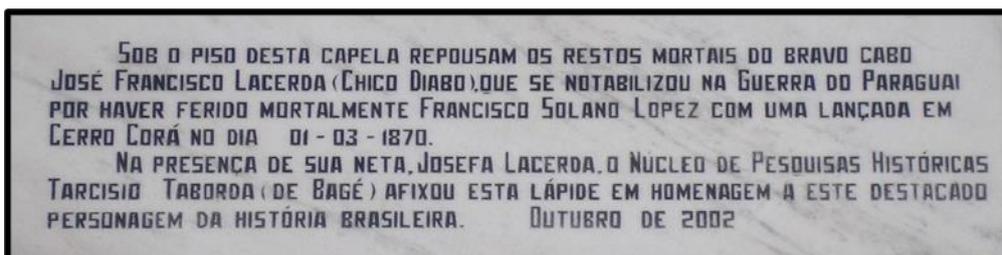
Figura 8 – Entrada



Figura 9 – Túmulo do Chico Diabo



Figura 10 – Placa que identifica túmulo de Chico Diabo



Figuras 11, 12, 13, 14 e 15 –

Detalhes do abandono do Cemitério da Guarda



Chevalier também assinala para a representação³ (objeto) e eficácia do símbolo em relação à representação (significado), no nível da imagem e do imaginário em vez de situá-lo no padrão intelectual da idéia: “Um



termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional (JUNG, 2002. p.: 20)” Tendo como base tais conceitos, foi selecionado um *corpus* documental, captado nos cemitérios locais pesquisados juntamente com suporte de uma bibliografia complementar, a fim de elaborar a análise das imagens coletadas (nominadas, ao longo do texto, inseridas e numeradas).

Rosas (Figura 16) – Na Antiguidade, a rosa simbolizava a dedicação aos mortos. O cristianismo primitivo associava-a com a cruz. Significava discrição, nos textos sagrados acompanhada pelo verde constitui um símbolo de regeneração e renascimento místico quando associada ao sangue. Na Idade Média, era o atributo das virgens e evocava Maria, a alma, o coração e o amor. A provável dedução é que, na lápide tumular, a rosa seja uma forma pelas quais os vivos expressam a esperança do renascimento após a morte.



Figura 16 – Rosas

Lamparina acesa (Figura17) A lâmpada é o suporte da luz, e a luz é a manifestação da lâmpada e disso advém a unidade de uma com a outra. A lâmpada é, ao mesmo tempo, Deus e Luz. Outra interpretação é que a lâmpada é a representação do homem: tem um corpo e uma alma, que é o óleo, e um espírito que é a chama. Oferecer uma lâmpada em um santuário é oferecer-se a si mesmo. O costume cristão de oferecer e queimar velas diante de estátuas dos santos ou nos túmulos, simboliza o sacrifício, o amor e a presença.

Figura 17 – Lamparina acesa



Figura 18 – Livro aberto



Figura 19 – Livro fechado

³ Define-se a *representação* como sendo um instrumento do conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma “imagem” capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo tal como ele (objeto) é (Chartier, 1990).

Livro aberto e fechado (Figuras 18 e 19) – Esse elemento simboliza a totalidade do universo (como unidade composta por muitas folhas e sinais de escrita) e, igualmente, como o local onde estão registrados os destinos dos homens, o que remonta à crença das tábuas do destino. Um livro aberto em conexão com Maria indica o cumprimento da promessa vetero-testamentário (tempos anteriores a Cristo). Também significa matéria virgem, conservando um segredo. Quando está aberto, a matéria está fecundada, isto é, o conteúdo é tomado por quem o investiga. Assim sendo, essa representação pode ser interpretada tanto como crença em vetero-testamentário (tempos anteriores a Cristo). Também significa matéria virgem, predestinação quanto na salvação pela palavra de Deus.



Figuras 20 e 21 – Urna e manto



Urna e manto sagrado (Figuras 20 e 21) – Encontrada junto aos mortos, a

Figura 22 – Coração, âncora, cruz, rosas, laço de fita



urna é o vaso funerário que encerra as cinzas do defunto, pode ser de forma redonda ou quadrada (de metal, mármore ou vidro), evocando o simbolismo da morada ou da casa. De um modo geral, está relacionada ao princípio feminino, acrescentando à segurança da casa o dinamismo da fecundidade, pois serve como recipiente de água. O manto sagrado é o símbolo de proteção na Idade

Média e dignidade de quem o veste. Um exemplo disso seriam os reis, cujo manto fazia parte da vestimenta, levando a crer que, sob a proteção de Maria, o homem ressuscitará.

Coração, guirlanda de flores, laço de fita, âncora e cruz (Figura 22) – O coração corresponde à idéia de centro, considerado a sede dos sentimentos, no Ocidente. Difundiu-se na arte a partir da Idade Média (corações trespassados, flamejantes etc.) e, de maneira geral, transformou-se em símbolo de amor e amizade. As guirlandas de flores, desde Grécia e Roma Antigas, eram usadas para homenagear alguém. O formato circular

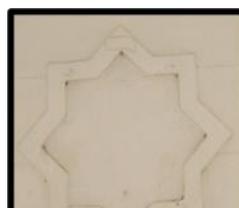


Figura 23 – Estrela de oito pontas

também representa a infinitude; ou seja, a eternidade da lembrança e do sentimento. Com isso, o formato circular se tornou uma representação da memória eterna da pessoa que partiu. A **âncora**, durante as tempestades, auxilia na segurança de sobrevivência do navio, adquirindo a conotação de símbolo da esperança, perseverança e fidelidade. Ao cristianismo primitivo, era o símbolo secreto da cruz, com a introdução de uma travessa. presentes. A tradição cristã condensava na **CRUZ** a história da salvação e a paixão do Senhor. Simboliza o crucificado, o Cristo, o Salvador, o Verbo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, é mais que uma figura de Jesus, identificando-se com a história humana. Pode se supor que a alma está firmemente ancorada na fé e na ressurreição em Cristo.

Estrela de oito pontas (Figura 23) – Sinal mágico antigüíssimo, é fonte de luz e, por seu caráter celeste, é símbolo do espírito e, particularmente, das forças espirituais (ou de luz) e materiais (ou das trevas); são faróis projetados na noite do inconsciente. A estrela de oito pontas (ou rosa dos ventos) simboliza o espírito que sopra sobre as águas originais. É a *stella maris*, a estrela do mar, o sinal do espírito sobre as águas cuja forma animal é a medusa octópoda: ao cristianismo primevo, era

Figura 24 – O lírio



o símbolo da alma regenerada pelas águas do batismo e, em uma ordem inferior, símbolo da pia de água benta.

Lírio (Figura 24) – detalhe em alto relevo⁴ e, na estatuária, detalhe encontrado em túmulos locais é considerado símbolo de pureza e inocência, associado à anunciação; provavelmente esteja evocando a morte de uma criança. O lírio é a flor do amor intenso que, na sua ambiguidade, pode ficar irrealizado ou sublimado; se é sublimado, isto é, muda do inconsciente (emoção) para o sublime (elevação), o lírio é a flor da glória. Também simboliza o abandono à vontade de Deus, isto é, a providência que cuida das necessidades dos seus eleitos e o abandono místico à graça de Deus.

⁴ Iconografia encontrada na página 170 do Dicionário de Símbolos, de Becker. Desenhado em recipiente para guardar ossos dos mortos no período bíblico tardio.

Círculo/XP (Figura 25) – O monograma do Cristo, símbolo da igreja primitiva,

Figura 25 –
Círculo XP



era uma forma grega esculpida em antigos sarcófagos nos primeiros séculos depois de Cristo. Ainda usada nos dias de hoje, inscrita em um círculo (como na maioria das vezes) é uma roda de seis raios, tal figura (roda) é um símbolo cósmico e solar no qual se remete às escrituras, onde Cristo é o sol invicto. Cristo filho de Deus, é o começo e o fim; o conceito já sugere a interpretação, Cristo é a vida e a morte.

Figura 26 –
Videira



Videira (Figura 26) – Simboliza o povo de Israel. É a árvore dos messias. No Antigo Testamento, pela sua constituição, Cristo se comparou à videira na qualidade de tronco vital, que nutre os fiéis, como ramos de videira e, somente quem recebe essa força pode produzir frutos. Simboliza também o reino prometido. Interpreta-se segundo a bíblia: *Eu sou a verdade e a vida aquele que crê em mim alcançará o reino dos céus.*

Colunas (Figuras 27 e 28) As colunas simbolizam e garantem a solidez de um edifício, seja arquitetural, pessoal seja social. Enfraquecê-las é ameaçar todo o edifício. Pela sua verticalidade, a coluna, tal como a árvore da vida, está ligada a um simbolismo de comunicação entre os mundos.

Figuras 27 e 28 –
Colunas



Elementos greco-romanos são percebidos na construção e elaboração dos túmulos, mausoléus e capelas mortuárias. Aparecem em todos os cemitérios de Bagé, contudo é no cemitério da Santa Casa que ganham ou, simplesmente, lisas.

Na Antiguidade, eram erigidas colunas, como símbolo que sustenta o céu, representam a vitória, eram também indicadores de domínio e poder real. No uso cristão, são erguidas como monumentos comemorativos em certos lugares como coluna de oração, monumento penitencial e votivo (em formas de estátuas oratórios ou poste de tortura. A coluna, quando encontrada no cemitério, onde se realizam rituais para celebrar a memória dos mortos, não sugere somente triunfo, ascensão ou evolução. A fragmentação da

coluna (Figura 28) pode sugerir ideia de morte, queda, ou derrota, e interrupção do ciclo natural da vida.

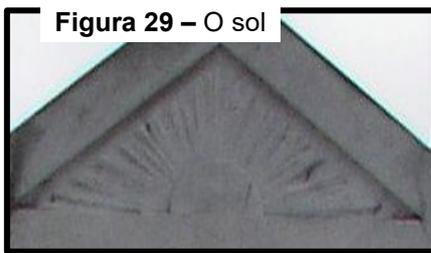


Figura 29 – O sol

Sol (Figura 29) – O sol representa a Luz, a vida, a mais elevada inteligência cósmica, também como fogo, origem do calor, princípio da vida. Seu nascimento e ocaso simbolizam ressurreição e recomeço em geral; como ilumina todas as coisas, é



Figura 30 – Romãs

símbolo de justiça.

Romã (Figura 30) – Na Idade Média, o aroma e a enorme quantidade de sementes da fruta eram interpretados como símbolo de beleza e numerosas virtudes de Maria, associados à forma esférica era também símbolo da perfeição e da bondade de Deus na figura do sacerdote.

Máscara (Figura 31) – Diversas são as interpretações referentes à máscara e seu uso funerário. Revestem-se de poder mágico com a função de proteção no mundo desconhecido e obscuro. Serve como

Figura 31 – Máscara



armadilha para capturar as forças espirituais do mundo invisível e impedem-nas de vagar. A máscara visa controlar o mundo invisível pois: “Se a força vital liberada no momento da morte fosse deixada a errar, ela inquietaria os vivos e prejudicaria a ordem. Captada na máscara, é controlada, e catalisada, poder-se-ia dizer, e em seguida redistribuída em benefício da coletividade” (Chartier, 1990). Quando

Figura 32 – Ampulheta alada



está associada ao esqueleto, isto é, a morte (filha da noite e irmã do sono) pressupõe o paraíso ou o inferno, simbolizando os sonhos e o terror da escuridão.

Ampulheta alada (Figura 32) – Simboliza a queda eterna do tempo, a natureza transitória da existência humana. Conotam o tempo que voa, são representadas com asas de anjo (diurnas) ou de morcego (noturnas). **Asas** são símbolo da libertação e da espiritualidade. Expressam geralmente uma elevação em direção ao sublime, um

impulso para transcender a condição humana. Raramente aparecem isoladas, mas associadas a ampulhetas, caveiras, etc.

Figura 33 – Palma



Figura 34 – Palma com a cruz



Ramo de palma (Figuras 33 e 34) – aparece nos cemitérios: ramo amarrado à cruz é a vitória sobre sofrimento e o martírio, entende-se também como a

ressurreição após a morte.

Figura 35 – Alfa e Ômega



Alfa e Ômega (Figura 35) – Alfa e Ômega são a primeira e a última letras do alfabeto grego. Simbolizam a totalidade do conhecimento, do e do tempo, o princípio e o fim. Frequentemente, o motivo é acompanhado do monograma de Cristo

em lápides sepulcrais e sarcófagos. Aqui, o Alfa está ausente, significando unicamente o final da vida.

Tochas (Figura 36) – Apontando para cima, representam a vida; invertidas ou sem chama, representam a morte como uma inversão ao sentido normal da vida.

Pomba (Figuras 37 e 38) – Símbolo judaico-cristão, representa o Espírito Santo. No Novo Testamento, contudo fundamentalmente simboliza a pureza e simplicidade. Quando traz o ramo no bico é símbolo de paz, harmonia, esperança e felicidade recuperada e, quando são pétalas de flores, representam o frescor do paraíso. A pomba, por ser identificada com a luz pela sua alvura, representa a

Figura 36 – Tochas – personificação da alma.

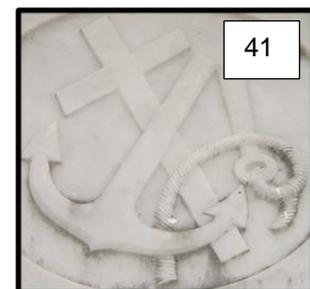
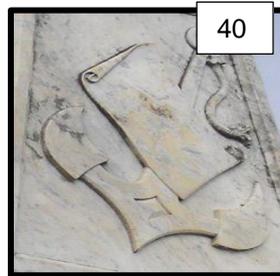
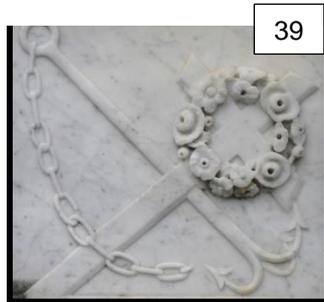


Figuras 37 e 38 – Pombas



Âncora (Figuras 39, 40, 41) – Simboliza também a parte estável do nosso ser. Nesse sentido, pode ser também uma barreira, mas também está ligada à esperança que permanece como apoio nas dificuldades da vida. Geralmente encontrada com a corrente ou a corda rompida, associada ou não a outro atributo. **Flores e cruz** (Figura 40) significam a instabilidade, essência da criatura dedicada a uma

Figura 39 – Âncora com flores e cruz; **Figura 40** – Âncora com papiro/papel; **Figura 41** – Âncora quebrada



Aparecem ainda outras imagens pitorescas, apontando para quadros imaginários, carregados de símbolos como a da criança deitada, a alegoria da tristeza e da saudade e a da cruz e do archote sobrepostos.

A primeira selecionada apresenta em alto relevo uma criança, deitada em um berço em forma de sarcófago com tampa, está de bruços, sobre panos em desalinho, com a cabeça apoiada em um travesseiro, sem, no entanto, estar dormindo. Ornando a tampa, uma guirlanda de flores amarrada por uma fita com as pontas soltas. À esquerda de quem observa, a presença de um porco dormindo ao canto do suporte do sarcófago. No canto direito, um lírio.

O que mais chama a atenção é o porco, símbolo da obscuridade por todas as suas formas: da ignorância, da gula, da luxúria e do egoísmo (pois tira o seu prazer da lama e do esterco). Na realidade, sua imagem evoca as tendências profundas do caráter e da natureza do homem. Ao mesmo tempo, devido à aparência robusta e a capacidade de reprodução, também é símbolo de abundância e prosperidade. Na



Figura 43 – Criança deitada (dormindo?)

mesma imagem, a figura de uma criança gordinha que simboliza o estado natural, próximo à infância e simplicidade espontânea, inocência e pureza.

Portanto pode-se interpretar o conjunto escultural como indicador de uma vitória sobre os

sentimentos obscuros e a ansiedade, bem como a conquista da paz interior e da autoconfiança, amparadas na simplicidade e na evolução espiritual. Assim, o sarcófago representa a terra que recebe as forças vitais e as transforma, viabilizando a vida eterna.

Figura 44 – Mulher desolada pela perda de um ente querido ou uma carpideira?



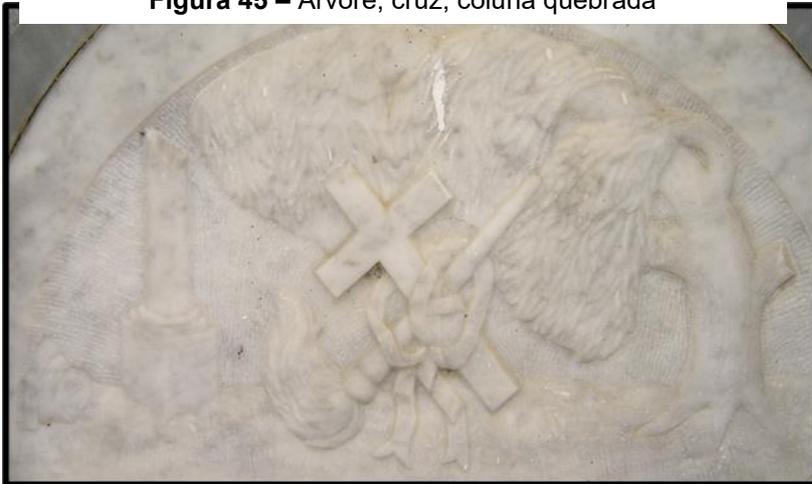
A segunda imagem ilustrativa de cenas ímpares mostra em alto relevo um conjunto de signos: em primeiro plano, a figura de uma mulher inteiramente vestida, que tanto pode representar uma carpideira (mulher contratada para chorar em velórios), quanto a alegoria

da tristeza e da desolação. Com a perna direita em genuflexão e apoiando a face com a mão direita, ao mesmo tempo se apoia na rótula direita, segurando com a mão

esquerda o que seria um terço para a reza. O baixo relevo se encontra na lateral de um sarcófago em forma de arca, que está em segundo plano, com tampa triangular fechada. Como plano de fundo, um salso chorão ou salgueiro.

Na terceira imagem, um conjunto de símbolos que aponta no plano central uma

Figura 45 – Árvore, cruz, coluna quebrada



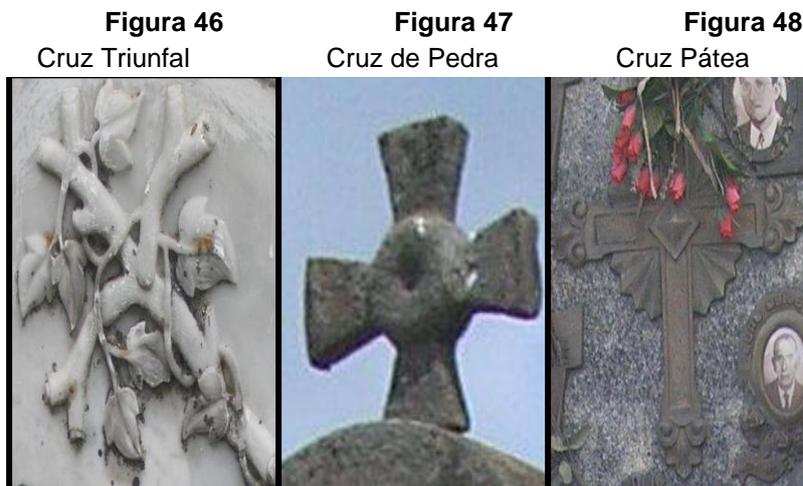
cruz sobreposta sobre o archote com a chama voltada para baixo, amarrada por um cordão. No lado esquerdo de quem observa, está na vertical uma coluna quebrada e, no lado direito, uma árvore (carvalho) com seus

galhos pendentes em direção à cruz e à coluna como se os galhos se retorcessem com a força do vento.

Em nenhuma das três imagens há identificação dos autores, contudo elas evocam alguns símbolos já descritos e interpretados. Somam-se a eles a representação do salso chorão e do carvalho, duas árvores com os galhos pendentes. O salgueiro, por sua morfologia, evoca sentimentos de tristeza, também simboliza a lei divina em decorrência da sobrevivência dos galhos cortados e plantados na terra, permanecendo a árvore indivisa, pois se os galhos forem plantados e receberem umidade brotarão novamente.

Dentro do mesmo contexto do carvalho, outro signo encontrado foi a fita enlaçando com um nó a cruz na tocha, com a chama voltada para baixo, que significa a morte. O nó da fita adquire a aparência de uma flor, signo do desabrochar, ao invés de marcar uma parada. A fita também marca um triunfo e uma realização. Pode-se considerar que a representação consiste em uma vida interrompida (simbolizada pela coluna quebrada) pela morte (na imagem tocha com chama para baixo), essa vida é representada pelo carvalho que veste as qualidades do morto, contudo essa morte e um renascer em Deus (representado pela cruz)

Nos cemitérios estudados, foram encontradas várias tipologias de cruzes⁵ as quais não serão analisadas, apenas serão registrados os vários modelos, formas e materiais de confecção (madeira, cimento, pedra, mármore e ferro).



Fonte: Cemitérios do Município de Bagé

Cruz triunfal estilizada (Figura 46) – Representação plástica na Itália, da crucificação de Cristo. Nas décadas de 1920 e 1930, passou a ser utilizado o ferro em substituição às de madeira, principalmente pelas famílias com melhores condições financeiras. Os modelos adotados geralmente imitavam conhecidos até então, evidentemente incrementados pela criatividade do ferreiro ou artista encarregado da sua confecção.

Cruz de pedra (Figura 47) – Releitura da cruz árvore, sua elaboração faz uma reinterpretação cristã dos elementos pagãos, contendo em alto relevo vestígios da árvore da vida. Pode se entender que assume um lugar de vigia que guarda um lugar sagrado.

Cruz pátea (Figura 48) – Seus braços estreitam na direção do centro, mas não apresentam extremidades chanfradas. Utilizada pelos navegadores portugueses durante a expansão no século XV, foi inspirada na cruz usada pelos cavaleiros

⁵ A *cruz latina* é o símbolo do cristianismo. Os romanos utilizavam-na para executar criminosos. Por conta disso, ela nos remete ao sacrifício de Jesus Cristo, oferecendo-se pelos pecados das pessoas. Além da crucificação, ela representa a ressurreição e a vida eterna. *Cruz simples ou grega* (de ferro 1920-1940) surgiram em substituição às cruzes de madeira. Em sua forma básica, a cruz é o símbolo perfeito da união dos opostos, mantendo seus quatro “braços” com proporções iguais. *Cristo crucificado* significa sofrimento e morte que dignificam. Em geral, sua iconografia exprime espiritualidade e grandeza. (SPECTRUMGOTHIC, 2020).

Templários. Ela normalmente representa uma divisão do mundo em quatro elementos (ou pontos cardeais), ou então a união dos conceitos de divino, na linha vertical, e mundano, na linha horizontal. Pressupõe uma vida terrena equilibrada e baseada na fé divina.

Cruzes Artesanais (Figura 49) – Muito presentes nos cemitérios, geralmente



confeccionadas a partir do reaproveitamento do ferro, algumas com decorações que agregam somente motivos estéticos sem nenhum significado simbólico.

Figura 50 – Cruzes de Ferro (Art Nouveau)



Fonte: Cemitérios do Município de Bagé

Cruzes de ferro (Figura 50) – O estilo em *Art nouveau* (Figura 03) encontra espaço nos cemitérios de Bagé a partir de 1890. Constata-se essa tendência artística também no gradio de proteção dos túmulos, e no primeiro cercamento do cemitério da Santa Casa (Figura 01).

Figura 51 – Cruz de pedra ornada com ramos



Simboliza a imortalidade e o renascimento, o caráter de trepadeira (pois ao subir, encostar-se e enroscar-se, representa a amizade e fidelidade). Entende-se que a fé no amor de Cristo ampara nossa vida terrena e nos conduz ao paraíso. Também se entenda pela tríade a ligação do homem pela fé ao reino de Deus. Sendo o Céu representado pelos ramos no topo, a terra pela raiz e a fé do homem pela cruz.

Considerações finais

Os cemitérios reproduzem a organização da cidade, é onde estão registradas as mudanças tanto no âmbito social como no econômico e político, pela arquitetura.

pelo material utilizado à confecção dos túmulos. Revelam a diversidade étnica e o momento histórico onde ela é mais marcante; ao mesmo tempo, ressalta as crenças e ideologias presentes na população local.

Merece registro a precariedade em que se encontram os cemitérios estudados e, assim sendo, são necessárias soluções emergenciais como o mapeamento geográfico, incluindo os da zona rural (placas de identificação). O levantamento documental nos arquivos da cidade sobre famílias enterradas em cada cemitério contribui à reconstrução da história da sociedade local e das pessoas que ali habitaram, contribuindo para a formação do município – anônimos ou proeminentes, ricos ou pobres, tropeiros e campeiros, escravos índios ou mestiços ou estrangeiros. A limpeza, o cercamento e a conscientização da comunidade, incluindo também os cemitérios rurais, fomentariam as rotas turísticas da cidade de Bagé, RS.

Neste estudo, considera-se que, para preservar os cemitérios de Bagé, que por si, já se constituíram monumentos à memória, é imprescindível esclarecer a importância do conteúdo histórico contido dentro e fora dessas áreas. Essas medidas tornar-se-ão realidade se houver o envolvimento de órgãos oficiais (Secretaria de Educação, Cultura e Turismo) em conjunto com as escolas e a comunidade por meio de projetos de resgate, revitalização do patrimônio histórico e cultural e social da comunidade contidos nos campos santos da cidade e do interior (rurais)

Essas representações simbólicas necessitam de uma reflexão mais aprofundada, por isso está sujeita à variação e à adequação dentro do contexto social, histórico e geográfico e imaginário de sua elaboração. O historiador – sendo sujeito da história – ao fazer suas interpretações, sofrerá influências pertinentes ao meio onde atua individual e socialmente. Espera-se que este estudo amplie novos horizontes sobre o estudo dos cemitérios como Patrimônio Cultural da cidade de Bagé, RS, tendo em vista um enorme leque de possibilidades de análise à espera de novos olhares.

Referências

BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Paulos, 1999.

CARDOSO, Airton André Gandon, MULLER, Daniela Cristina Martins, CHARÃO, Egiselda. **Cemitérios de Fazenda** – Cambará do Sul, RS. Raízes de Cambará do Sul. EST. POA, 2008

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

CHIAVENATO, Julio José. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Recebido: 25/09/2023

Aprovado: 01/07/2023

Publicado: 31/12/2023